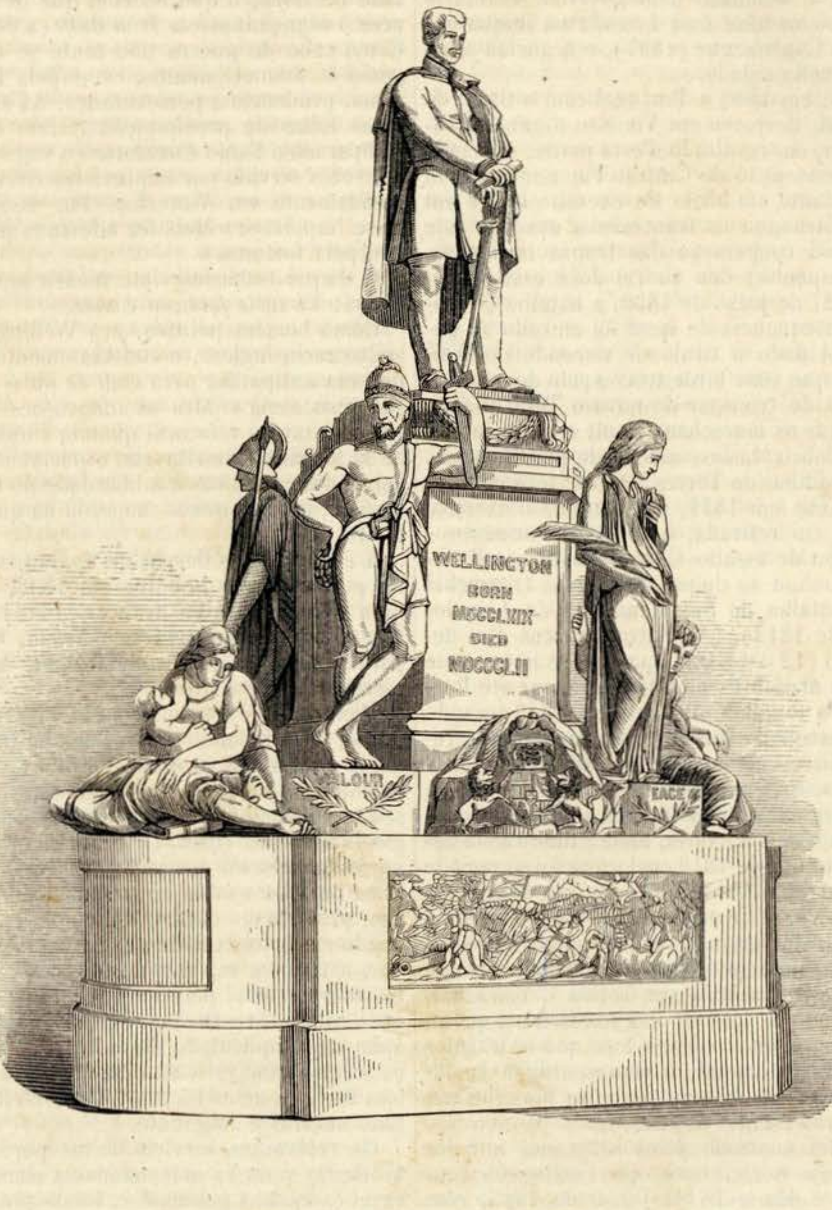


Monumento de Wellington. — Gravura de Coelho

Foram em meado de julho ultimo expostos ao publico os modelos que concorreram para o monumento do duque de Wellington. A exposição fez-se no palacio de Westminster, estando no primeiro dia patente só para os membros da camara dos pares e da casa dos communs. Sóbe o numero dos desenhos a perto de cem. Mais de cincoenta são de artistas inglezes, irlandezes e escocezes; contribuiram com a outra metade a Italia, Allemanha, Hespanha e America. A França foi coherente em não entrar n'este concurso artistico.

Talvez não venham para aqui fóra de proposito alguns apontamentos biographicos. A campa de Wellington é uma das pedras em que tem de basear-se a historia contemporanea d'esta nação. Popularisar a memoria do nobre duque é pequena demonstração para os serviços que prestou á nossa independencia; mas que maior monumento lhe podêmos nós outros aqui levantar? Recopilemos o que é já do dominio da historia, e não nos arrependeremos jámais de o haver feito em terra que dos seus até se deslembra não raras vezes.

Arthur Colley Wellesley, duque de Wellington, nasceu em 1768 em Dungan-Castle, na Irlanda, d'uma familia de recente nobreza, e morreu em 1852 com oitenta e quatro annos de edade. Era o terceiro filho do visconde Wellesley, conde de Mornington. Recebeu as primeiras noções da arte da guerra na eschola militar d'Angers, estabelecimento francez. Entrou no serviço em 1787 no posto de alferes. Desde 1794 distinguiu-se na Hollanda durante o retiro do duque de York, a cujas ordens serviu como tenente coronel. Foi em 1796 mandado á India por occasião de ter sido nomeado governador d'aquelle estado seu irmão mais velho, lord Wellesley. Tomou parte mui activa na guerra de Mysore contra o sultão Tippo-Saëb, o mais temivel dos inimigos da dominação ingleza. Depois da tomada de Seringapatão foi nomeado governador d'aquella praça (1799), dirigiu uma expedição contra os Mahrattas orientaes, bateu-os

em varios recontros, principalmente na aldêa de Assya (Bérar), onde não tinha senão 8,000 homens para oppor a 60,000 do inimigo (1803). Regressou a Inglaterra em 1805, foi eleito deputado á camara dos communs, e nomeado pelo governo secretario da Irlanda. Commandou uma brigada na iniqua expedição contra Copenhague (1807), e negociou a capitulação d'aquella cidade.

Foi mandado em 1808 a Portugal com o titulo de tenente general, derrotou em Vimeiro o general Junot, que se viu, em resultado d'esta perda, obrigado a assignar a convenção de Cintra. Foi nomeado em 1809 commandante em chefe do exercito inglez em Portugal; constrangeu os francezes a evacuar este paiz com briosa cooperação das tropas nacionaes. Entrou em Hespanha; deu ao rei José e ao marechal Victor a 27 de julho de 1809, a batalha de Talavera, em consequencia da qual foi elevado ao pariato, e lhe foi dado o titulo de visconde de Wellington (titulo que mais tarde trocou pelo de duque). Em breve teve de transpor de novo o Tejo quando se aproximavam os marechaes Soult e Ney; fez levantar, para cobrir Lisboa ameaçada por Massena, as formidaveis linhas de Torres Vedras; tornou a entrar em Hespanha em 1811, perseguindo o exercito francez que ia em retirada, e depois de numerosos combates tomou de assalto Ciudad-Rodrigo e Badajoz (1812). Ganhou ao duque de Ragusa (marechal Marmont) a batalha de Salamanca ou de Arapiles (21 de julho de 1812). (1) Entrou poucos dias depois em Madrid (12 d'agosto), mas viu-se novamente obrigado pelas manobras de Soult a retirar até Portugal; tornou a tomar a offensiva em 1813 quando soube dos desastres da Russia; foi investido pela regencia de Cadiz no commando em chefe dos exercitos hespanhoes, que reuniu ao das forças inglezas. Perseguiu energicamente os francezes em debandada, e alcançou-os em Victoria, onde ganhou uma decisiva a 21 de junho de 1813, pelo que foi agraciado com o bastão de marechal. Marchou com toda a rapidez para França, onde entrou no principio do anno de 1814, apesar da vigorosa resistencia do marechal Soult; obteve grandes vantages em Bayona, Orthez, etc.; a 10 de abril atacou em Tolosa o marechal, que apesar de muito inferior em numero o repelliu victoriosamente. Correu a Paris logo que os alliados occuparam aquella capital, e representou a Inglaterra no congresso de Vienna, onde se mostrou um dos mais moderados entre os vencedores. No regresso de Napoleão foi nomeado pelos soberanos alliados generalissimo dos exercitos europeus colligados contra a França, e deu a 18 de junho de 1815, com Blucher, a funesta batalha de Waterloo, verdadeiro occaso da estrella de Buonaparte. Concluida a guerra foi encarregado do commando em chefe do exercito de occupação; ao mesmo tempo recebia do seu governo magnificas recompensas, além de incalculaveis dotações, e todo o genero de honras dos soberanos alliados. Luiz XVIII levou o seu reconhecimento a dar-lhe o titulo de *marechal de França*.

Desde a paz foi ainda importante o papel de lord Wellington como personagem politico. Assistiu na qualidade de plenipotenciario ao congresso de Aix-la-Chapelle e de Verona; foi em 1828 como um dos mais eminentes representantes do partido *tory*, chamado a fazer parte do ministerio formado por sir Robert Peel, e alli occupou o logar de primeiro lord da thesouraria. Deixou o poder depois da revolução de 1830. Oppoz-se com todas as suas forças, mas em vão, á reforma parlamentar, com o risco de perder a sua popularidade. Tornou ao gremio dos negocios publicos em 1834 e em 1841 com os *tories*, mas não fez mais do que prestar a Robert Peel o apoio do seu nome.

Tinha o duque de Wellington um corpo e uma vontade de ferro, o que fez com que os seus conterraneos o cognominassem *Iron duke* (o duque de ferro). Como cabo de guerra não tanto se distinguiu pelo genio e commettimentos, como pela fleugma, disciplina, prudencia e perseverança. As suas mui calculadas faltas de precipitação faziam com que fosse comparado a Fabio *Cunctator* (o vagaroso). Foi muitas vezes servido por imprevistas circunstancias, nomeadamente em Waterloo. Por isso, a proposito, disse Napoleão: «Mais fez a fortuna por elle, do que elle pela fortuna.»

O duque tinha inscripto no seu brazão a modesta divisa: *Virtutis fortuna comes*.

Como homem politico, era Wellington o typo da aristocracia ingleza, e constantemente se assignalou por sua antipathia para com as idéas liberaes e por sua resistencia contra as innovações. Comtudo, sabia acceitar as reformas quando chegavam ao ponto de se tornarem inevitaveis, especialmente a emancipação dos catholicos e a liberdade do commercio dos cereaes, para as quaes cooperou na qualidade de ministro.

A collecção dos despachos do duque de Wellington foi publicada em Londres em 1838, de que se fez uma como selecta em francez (1840). O duque deixou tambem uma *correspondencia*, que é preciosa para a historia. Maxwell, Wright, Alexandre, etc. escreveram-lhe a vida.

Wellington é o maior brazão militar da Gran-Bretanha, não fallando nos seus almirantes celebres: ainda que, como se disse, foi mui favorecido de circunstancias e conjuncturas felizes, é incontestavel o seu merecimento como general consummado. O fallecido bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, no *Summario da campanha de* 1810 *a* 1811 o qualifica bem de «sabio no desenho, pontual na execução, previsto em atalhar difficuldades, prompto e fecundo em bons expedientes para remediar incommodos, activo em se valer dos do inimigo.» Outro dote muito apreciavel menciona o mesmo apurado escriptor, dizendo: «Os despachos de lord Wellington, além da simplicidade e evidente desaffectação, que os torna estimaveis, não dão á critica mais escrupulosa motivos de os recusar. Tudo n'elles é provavel, tudo natural e coherente.»

Os relevantes serviços feitos por Arthur Colley Wellesley á nossa independencia nacional na memoravel campanha peninsular, foram premiados com os titulos de duque de Victoria, marquez de Torres-Vedras, e conde do Vimeiro, conferidos em 1811, e uma pensão. Ainda continuam na sua descendencia.

O primeiro premio do concurso de modelos, 700 libras esterlinas, foi conferido a mr. W. Calder Marshall: o seu modelo é reproduzido na gravura acima. Representa Wellington entre a Paz e a Guerra; as quatro figuras allegoricas são o Valor, a Sabedoria, o Dever, e a sua consequencia, a Paz. Os horrores da guerra manifestam-se na attitude da mãe com o filhinho nos braços descobrindo o cadaver de seu marido, morto pelos invasores; do outro lado o Commercio e a Agricultura regozijam-se pela restauração da Paz. No pedestal tem em baixos relevos o cêrco de Badajóz, e Wellington recebendo os agradecimentos da camara dos communs; e na base os das batalhas de Assaye (na India), e de Waterloo. Porquanto muitos dos monumentos na cathedral de S. Paulo em Londres tem damnificação, e todos se acham enxovalhados pelo tempo, o desenho foi modelado para bronze e granito, materiaes susceptiveis de limpeza, e que tambem offerecem agradavel va-

(1) Coincidencia notavel; no mesmo anno de 1852 falleceram os dois generaes, Marmont e Wellington. O ultimo era seis annos mais velho que o primeiro.

riedade de côres; comtudo, se for preferido o marmore, com pouca alteração na roupagem das figuras, se lhe apropriará o modelo; as estatuas das columnas serão de bronze; nos angulos d'esses pilares que devem sustentar o arco, debaixo do qual será collocado o monumento, destina-se assentar figuras representando granadeiros da guarda, soldados da guarda real, do 33.º de linha, e de artilheria com o fardamento do periodo em que se fez o funeral do duque. Estas figuras serão supplementares, porque o desenho é completo sem ellas; foram removidas; nem os membros da commissão as viram, a fim de satisfazer ás condições do concurso. A exposição dos modelos fechou-se em 29 d'agosto proximo passado.

Tambem o nosso compatriota Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto da casa real, fez um projecto para aquelle monumento. Do proprio artista são as palavras com que em seguida damos idéa d'elle.

«Representa o meu plano dois corpos sobrepostos.

«O da base é um rectangulo, que occupa todo o espaço marcado pelo governo inglez para o monumento, que terá 13 pés por 9.

«Este 1.º corpo sustenta outro com 8 faces, 4 maiores, e 4 menores: em cada um dos dois lados maiores ha um medalhão em relevo, de fórma oval, dentro de um retabulo de marmore branco, medalhão fechado por uma grinalda de folhas de carvalho, dentro da qual ha 8 coroas de folhas de louro, separadas umas das outras por castellos, que representam os fortes e praças tomados pelo general: dentro das 8 coroas estão gravados os nomes das principaes victorias da guerra peninsular. No centro d'este mesmo oval está representado o escudo com as armas do duque de Wellington. Na face opposta d'este 2.º corpo vê-se outro medalhão, de eguaes folhas e fórma, tendo no fecho do oval a coroa de duque: dentro d'elle ha tambem 8 coroas ligadas umas ás outras por tropheus, e dentro d'ellas os crachás com que varios soberanos agraciaram o illustre guerreiro. No centro d'este 2.º oval estão, por ordem chronologica, todos os postos que alcançou o general em sua longa carreira militar, circundados pelo collar do Tosão de ouro. Nos outros quatro lados do octogono avultam sobre pedestaes cylindricos quatro estatuas, que representam — as do lado principal, a *Inglaterra*, na acção de coroar o heroe, e um *Guerreiro* chorando a sua perda — e nos lados oppostos, a *Historia*, que deve commemorar os altos feitos d'este varão, e a *Immortalidade*, como digna recompensa de suas proezas. Nas duas faces mais pequenas, isto é, nas duas cabeceiras, está gravado o mesmo epitaphio que o governo inglez mandou esculpir no caixão que encerra os restos mortaes do heroe, caixão que será mettido n'este segundo corpo, que é de porphyro. No remate d'elle se eleva a estatua colossal de lord Wellington, sobre dois sóccos de marmore branco, que descançam n'um frontão do mesmo marmore, a fim de separar a estatua do recinto em que se acham os restos mortaes do grande homem. O heroe está de pé, com o manto de lord de Inglaterra, na mão esquerda o chapeo armado, e na direita o bastão de marechal, repousando n'um globo, no qual se vê, em letras de ouro, a seguinte inscripção:

«*Pacifiquei o mundo, e dei a liberdade á minha patria.*»

«O 1.º corpo que fórma a base do monumento tem dois baixos relevos em cada uma das duas faces maiores, representando o 1.º o illustre guerreiro trazendo á Grão-Bretanha o ramo de oliveira, e ella dando ás nações alliadas a paz geral em 1815, e reanimando assim as artes, o commercio e a industria; e o 2.º um acto politico da vida do nobre duque, a emancipação da Irlanda em 1828, emancipação devida á sua iniciativa no parlamento. N'esta base ha em cada cabeceira uma porta de bronze, que dá entrada para um recinto, onde estão depositados, sobre um pedestal forrado de veludo roxo, ao centro, a coroa ducal, e aos lados o chapeo, e a espada que sempre o acompanhou; e em roda das paredes, em laminas de marmore branco e letras de bronze, as 23 victorias do guerreiro e suas datas.

«Empreguei o marmore preto com as molduras de marmore branco para o corpo que serve de base. No 2.º corpo, os sóccos são de granito, e a parte que representa o tumulo, de porphyro, com molduras de bronze douradas. Tanto os baixos relevos como as estatuas são de marmore branco de Carrara.

«A altura total do monumento é de 27¼ pés inglezes, altura necessaria para que elle fique em harmonia com a desmedida elevação da arcada da nave principal de S Paulo de Londres.

«Decidiu o governo inglez gastar n'esta obra 20.000 libras esterlinas, ou 90 contos de réis, quantia egual á que a França destinou para o monumento de Napoleão, monumento que, todavia, importou em milhão e meio de francos, ou 270 contos de réis.

«Applicaram-se, além d'isso, 2.200 libras, ou 9.900$000 réis para premios aos auctores dos oito melhores projectos submettidos a um jury especial.

«Concurso em tão larga escala, e por tal modo generoso, só a patriotica e opulenta Gran-Bretanha fôra capaz de o fazer.»

L. e M.

O TEJO, E O NILO.

As estampas que vão ver-se representam os dois rios agigantados, que estão defronte um do outro no passeio publico de Lisboa, dominando cada qual um pequeno lago, a que preside como envergonhado de derramar suas aguas em tão acanhado espaço.

Aquellas duas figuras, antes de sairem a publico, estiveram reclusas n'um barracão pertencente ás obras publicas das Aguas Livres, alli para o campo de Sant'Anna. Para esse campo tinham ellas sido destinadas, como adorno de um chafariz que alli meditára fazer o intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique.

Symbolisam aquellas duas estatuas, de doze palmos, o *Tejo* e o *Nilo*, e foram feitas pelo esculptor Antonio Machado, para corresponderem ao *Ganges* e ao *Euphrates*, feitos por Alexandre Gomes. Antonio Machado era filho de Remigio Francisco, architecto do senado da camara, e um dos que estudaram architectura na casa do risco em Mafra. Teve Antonio Machado por mestre José d'Almeida (de quem adiante fallaremos), e deixou boa fama de tão excellente professor, nas varias obras de esculptura, que o martello ainda não destruiu. A *Venus* do chafariz das Janellas Verdes é obra sua, executada no principio do reinado da senhora D. Maria I, vinte annos depois do terremoto. As imagens de S. Pedro e S. Paulo para a fachada da egreja de S. Paulo são do mesmo cinzel, bem como algumas outras estatuas feitas para a egreja de S. Julião. Os modelos das obras de Machado eram todos de Nicoláo Villela, a quem os esculptores procuravam por causa das attitudes, em que elle primava, e de que fazia modelos em barro, pelos quaes recebia tenue recompensa.

José d'Almeida, de quem acima fallámos, era parente de muitos artistas de merecimento, e irmão do celebre Felix Vicente, architecto e entalhador da casa real. Almeida, na opinião do pintor Cyrillo, foi o primeiro portuguez do seculo XVIII, que soube esculpir bem em pedra. Estudou em Roma, na companhia de Ignacio de Oliveira, e sob a protecção do sr. rei D. João V, que lhe estabeleceu uma pensão

para que elle podesse aperfeiçoar-se na arte que professava. As obras d'este mestre são muitas, para aqui as enumerarmos; faremos pois só menção das seguintes: o Christo e os anjos de adoração, que elle executou em madeira para a capella mór de Mafra, e que, depois de feitos para alli outros de marmore, vieram para Santo Estevam de Alfama: a Nossa Senhora da Victoria, e a Nossa Senhora das Virtudes, destinadas para S. Domingos, e cujas cabeças foram acabadas pelos discipulos de Almeida, depois d'elle finado: a Santa Isabel e o S. João Baptista, de pedra, para a Bemposta: a Senhora Mãe dos Homens, e o S. José, de madeira, para Xabregas: os Passos da Paixão, que saíam na procissão do Carmo, tambem de madeira. José d'Almeida falleceu em 1769; Antonio Machado, seu discipulo, a 1 de Abril de 1810.

PEDRO DINIZ.

ABASTECIMENTO DE AGUAS PARA LISBOA.

Desde muito tempo que grande parte de Lisboa experimenta nas maiores estiagens penuria d'agua potavel. Até ha bairro que accusa falta absoluta d'ella. O mal tem-se aggravado de dia para dia.

Padecia a hygiene publica, padecia a limpeza da cidade, padecia o desenvolvimento da população e da industria, que aquella causa superior compromettia. Pensou-se no remedio. Convidaram-se á empreza os capitaes. Uma companhia nacional, mediante alguns privilegios, contrahiu a obrigação de abastecer de aguas toda Lisboa. É á illustrada iniciativa da direcção provisoria d'essa companhia, que reconheceu a necessidade de prévias investigações locaes, indispensaveis para se traçar um plano racional d'esse abastecimento, em relação com as actuaes e futuras precisões da capital, que o paiz deve um trabalho precioso, e nós agora o prazer de commemorar a apparição de um livro de sciencia e consciencia, em tempo e logar em que tanto vão escaceando publicações, que tenham essa recommendação.

O *Reconhecimento geologico e hydrologico dos terrenos das visinhanças de Lisboa, com relação ao abastecimento das aguas d'esta cidade*, obra que acaba de saír dos prelos da academia real das sciencias, acompanhada com o *Esboço de uma carta geologica das visinhanças de Lisboa ao norte do Tejo*, em grande folio, é mais um titulo glorioso para o nosso engenheiro o sr. Carlos Ribeiro, um dos mais distinctos ornamentos da academia das sciencias, chefe da repartição de minas do ministerio das obras publicas



membro da commissão geologica do reino, acatado dentro e fóra do paiz pelo seu elevado merecimento, probidade e infatigavel diligencia com que trabalha no progresso da sciencia.

N'um jornal da indole d'este pouco mais podêmos fazer do que annunciar uma publicação tão memoravel sobre tudo nas actuaes circunstancias. Isso, e o nome do auctor serão sufficientes para attrahir sobre a obra as attenções dos homens illustrados. Dar substancial noticia d'ella, seria reproduzil-a toda, porque tudo alli é essencial. Apenas indicaremos brevemente a sua partição.

A memoria é dividida em tres partes: 1.ª Geologia: 2.ª Hydrologia: 3.ª Projectos de acquisição de aguas, e da sua conducção para o aqueducto geral das aguas livres.

Na 1.ª parte, a 1.ª secção trata da configuração physica do solo, de que se faz descripção geral, e particular de cada um dos dois massiços oriental e occidental, em que o mesmo solo se divide.

A 2.ª secção occupa-se da constituição geologica. Faz a divisão dos terrenos. Trata do terreno terciario, da epocha da formação do conglomerado com fragmentos de basalto, do terreno cretaceo, dos seus limites, da sua divisão em tres formações, a 1.ª das quaes tem dois andares, o 1.º andar dois grupos, e o 2.º duas partes, superior e inferior. Depois vem a passagem da 1.ª para a 2.ª formação, e a posição geographica d'esta. O 1.º andar da 2.ª formação compõe-se das camadas de Bellas, e o 2.º das camadas da Ericeira. A 3.ª formação são marnes de Safarujo. Pondo remate á 2.ª secção, descreve-se o deposito terciario lacustre, o alluvial antigo, as areias da linha da costa, as rochas igneas, os granitos da serra

de Cintra, as diorites de Monte-mór, a formação basaltica de Lisboa, o aspecto com que se apresentam os basaltos, os que rompem as rochas sedimentares, os que estão estendidos em mantos, e a alteração que produziram nas rochas sedimentares. A conclusão que de tudo isto tira o auctor é illustrada e irrecusavel.

Na 3.ª secção fazem-se considerações geraes sobre as mudanças occorridas á superficie do solo, desde a epocha do terreno cretaceo, até á epocha recente. Ahi se consideram o movimento do solo no periodo dos grupos crutaceos superior e medio, a direcção em que obraram as diorites e seus effeitos geraes, a erupção dos basaltos, periodo provavel da sua elevação e seus effeitos, o primeiro delineamento da linha divisoria das aguas, a emersão dos granitos da serra de Cintra, a formação da bacia em que se depositaram as camadas terciarias, e finalmente a formação de lagos, e as diversas deslocações pelas quaes o solo tomou a configuração que actualmente apresenta.

D'aqui entra-se na 2.ª parte — Hydrologia. A secção 4.ª consta de considerações hydrologicas sobre o massiço oriental: falla das aguas artesianas, e apreciação do volume d'agua.

A 5.ª secção contém o reconhecimento hydrologico do valle de Nogueira, e das quatro principaes affluentes da ribeira de Sacavem, tratando particularmente da bacia hydrographica da mesma ribeira, e das de Odivellas, Loures, Lousã, Trancão, e Granja.

Na 6.ª secção eguaes considerações sobre as aguas do massiço occidental, e em pormenor sobre as aproveitaveis para o abastecimento da cidade, e inconveniencia de derivar as da serra de Cintra. Estuda-se a bacia hydrographica da ribeira de valle de Lobos e de Queluz; examina-se o solo ao norte do parallelo da Agualva, d'onde convem derivar as aguas; examinam-se suas rochas basalticas, metamorphicas, tufaceas, e gresiformes, acabando pelo estudo do 1.º até ao 6.º grupo do calcareo do andar de Bellas.

A 7.ª secção, sobre a relação que ha entre a agua pluvial e a fornecida pelas nascentes da bacia hydrographica descripta, comprehende considerações geraes, e estudo sobre a espessura da lamina de agua pluvial que cáe annualmente em Lisboa, e sobre o volume medio das aguas pluviaes caídas annualmen-



te na bacia hydrographica das ribeiras de Queluz e de valle de Lobos. Assim termina a 2.ª parte da memoria.

A 3.ª parte, porém, que trata dos projectos de acquisição de aguas e da sua conducção para o aqueducto geral das aguas-livres, é a que mais directa e immediatamente prende com os interesses publicos, e com os economicos da companhia emprezaria do abastecimento. As duas primeiras partes da memoria, servem como de fundamentos, solidamente estabelecidos, para chegar na ultima parte do *Reconhecimento* a conclusões da maior ponderação e alcance.

Na 8.ª secção da sua memoria, tratando dos aqueductos, systema de acquisição de aguas, e obras accessorias, o sr. Carlos Ribeiro descreve o traçado do aqueducto da Matta (proposto por Mary), faz-lhe algumas considerações, avalia o volume de aguas que póde receber, aponta os seus inconvenientes, considera os meios lembrados para augmentar o volume d'essas aguas, adduz considerações sôbre as aguas do massiço occidental, e conclue, terminando o seu importantissimo trabalho: —

Na 9.ª secção, com o projecto do aqueducto da Agualva, bem claramente exposto, e desenvolvido nas suas considerações geraes, na enumeração das aguas que devem alimentar a zona superior da cidade, nos fundamentos do novo systema de acquisição de aguas, na comparação das vantagens e inconvenientes dos dois aqueductos da Matta e da Agualva, terminando a memoria com uma tabella das nascentes d'agua potavel na bacia hydrographica das ribeiras de Queluz, e de valle de Lobos ao norte do parallelo da Agualva, quasi todas permanentes na estiagem do anno 1856, e com mais quatro mappas, um das aguas que alimentam o actual aqueducto geral das aguas livres, outro das aguas dos particulares que entram no mesmo aqueducto, outro das principaes nascentes conhecidas que podem alimentar o

aqueducto da Matta, e o ultimo de parte das nascentes, fontes, arroios e ribeiras pertencentes á bacia hydrographica da ribeira de Sacavem, de que se póde tomar nota.

A ultima parte do trabalho do sr. Carlos Ribeiro, parecêra á primeira vista uma impugnação ao plano de Mary, se não fosse geralmente sabido que o celebre engenheiro francez não fez, nem tinha tempo para fazer, nos poucos dias que aqui se demorou, os estudos e reconhecimentos previos necessarios para resolver a questão do traçado, não só em relação ás obrigações contrahidas pela companhia, e necessidades do presente, mas sobre tudo em relação ao abastecimento futuro, que, se não for considerado agora com sabia e previdente attenção, póde com o tempo vir a complicar seriamente os interesses economicos da empreza, e turvar-lhe os claros horisontes da sua prosperidade. O que fica dito basta a explicar até onde legitimamente se póde irrogar responsabilidade a Mary pelo seu traçado. O proprio engenheiro portuguez o reconhece n'estas linhas, que a sua lealdade não pôde obliterar:

«Quando mr. Mary, distincto engenheiro do departamento do Senna, veiu a Lisboa com o fim de examinar a questão do abastecimento de aguas d'esta capital, *acceitou a hypothese da existencia de um certo volume d'ellas, em dada posição*, e limitou-se a redigir o seu projecto em relação á conducção e distribuição d'essas aguas. O prazo marcado no decreto da concessão para a apresentação d'estes trabalhos, estava definido, e portanto mr. Mary não podia, por falta de tempo, deixar de pôr de parte outras investigações, e de se restringir exclusivamente a preencher aquelles fins.»

Essas investigações que Mary foi forçado a pôr de parte, é que, feitas posteriormente, são agora talvez chamadas pelo seu elevado valor, a influirem e modificarem o traçado primeiramente proposto, depois de serem submettidas ao exame, contraprova, e discussão de homens competentes.

O que o proposto aqueducto da Agualva excede em extensão ao da Matta, compensa-o com vantagens economicas, vindo quasi sempre ou sempre, se se quizer, á superficie do terreno, e poupando a construcção de dois extensos e custosos tunneis.

O elevado nivel, com que corre o projectado aqueducto da Matta, diminue-lhe a superficie de apanhamento de aguas, inhabilitando-o para recolher um numero consideravel de nascentes importantes, que lhe ficam immediatamente inferiores.

O traçado da Agualva vem pelo contrario n'um nivel mais baixo, alarga consideràvelmente a superficie de apanhamento, recolhe todas as nascentes, passa a alcance de ribeiras que em caso de necessidade lhe podem ser de riquissimo supprimento, e reune assim as condições de poder juntar um volume d'aguas, a que o da Matta não póde attingir pela sua cotta mais elevada; volume que aproveitando uma só obra, (em que, em logar de tres siphões de grande flexa e pequena amplitude, não ha a construir senão um de grande amplitude) resolve toda a questão das futuras necessidades e abastecimento da capital, independentemente de novos e mais dispendiosos meios, que para isso podiam vir a ser necessarios d'aqui a 40 ou 50 annos, ou mesmo antes.

Desde que um homem com as habilitações, independencia, e probidade do sr. Carlos Ribeiro invoca considerações de ordem tão elevada, não é licito duvidar da illustrada prudencia com que andará a direcção da companhia das aguas, por sollicitação e incumbencia da qual foi feito aquelle *Reconhecimento* e estudo, cuja discussão é do interesse presente e futuro da companhia promover sem demora, para satisfação de todas as consciencias, e sobre tudo allivio da responsabilidade da direcção para com a companhia, e para com o municipio.

Se porém, contra toda a espectativa, e contra o que ha direito a esperar da direcção definitiva, em que resplandecem caracteres de probidade e illustração tão publicamente consagradas, se demorasse o processo scientifico que o trabalho do illustre engenheiro portuguez está pedindo, á camara municipal de Lisboa, pelos interesses do municipio a quem depois do praso da concessão se devolve a posse do aqueducto, ou ao governo, compete promover aquelle processo, para que estando-se como se está em tempo opportuno, se previna o caso, que facilmente póde dar-se, de entrar a camara um dia na posse de uma obra incompleta, que póde ser obrigada a completar então com sacrificios seus, se a providencia tiver reservado para esse tempo o augmento das necessidades da capital, quando é facil prover agora sobre esses inconvenientes, sem sacrificio de ninguem antes com segurança de todos.

Calculámos bem, que esta publica recommendação não era necessaria n'este seculo e para pessoas cujo animo tanto parece identificar-se com os principios que elle proclama; mas não podêmos deixar de fazel-a para allivio da consciencia, em objecto que tão de perto toca interesses não só da communidade, mas tambem dos primeiros capitaes portuguezes, que dão o exemplo de se abalançarem a empreza de não pequena monta.

MERCADO DE LAGOSTAS.

O consumo d'este saboroso marisco sómente na cidade de Londres e seus suburbios, sem fallar nas outras de toda a ilha britannica, é cousa para admirar, porquanto vendem-se milhões d'estes crustaceos na estação propria, que alli é desde a primavera até o outono, na qual se pescam em mais abundancia tanto nas costas pedregosas da Gran-Bretanha, como do continente fronteiro.

Só n'um dia de junho de 1855 venderam-se no mercado de Bilingsgate trinta mil lagostas. Além das costas maritimas já mencionadas, é comtudo a principal exportação proveniente dos mares da Noruega e da Escocia. Entre o Tamisa e a Noruega ha constantes carreiras de navios que trazem as lagostas ainda vivas, e ao entrar no rio são mettidas em grandes caixas de madeira, adequadamente perfuradas e depositadas n'uma angra ou calheta do Tamisa para a banda de Essex, d'onde são conduzidas a Billingsgate á proporção das encommendas: em peso e gosto são as melhores: as da Escocia tambem chegam vivas.

Se a especie não fosse tão prolifica, de certo se extinguiria em poucos annos; mas, é certo que o doutor Baster contou debaixo da cauda de uma lagosta femea mais de 12:000 ovos, além da quantidade de *coral*, assim chamado pela côr vermelha depois de cozido, que são ovos em embryão, que ainda permanecem dentro do corpo.

De peixe é tambem immenso o consumo; os pescadores hollandezes tem anno de levarem de Londres mais de oitenta mil libras esterlinas só pela venda de rodovalhos, de que provém este mercado.

M.

ANTIQUARIAS.

Resolveu ha pouco a sociedade dos antiquarios de Vienna admittir senhoras d'aqui em diante como socias. Mais amenas sem duvida serão as suas sessões.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

VII.

Taxa dos pobres.— Cadeia normal.— Uma *Work-house*.— Philantropia ingleza. — Casa de banhos e lavanderia.

Contam-se em Inglaterra numeroras instituições de educação e beneficencia publica. A miseria que alli vegeta a par da opulencia, e em parte como effeito d'ella, despertou a attenção dos legisladores e a caridade dos abastados. A taxa dos pobres, enorme tributo pago pelas freguezias para a sustentação dos seus habitantes miseraveis, a instituição de hospitaes e asylos particulares para o tratamento de certos doentes e para refugio de certos individuos, a creação de escholas moralisadoras para o ensino das classes operarias e sobre tudo dos adolescentes, a fundação de prisões humanitarias para o melhoramento moral dos criminosos, o estabelecimento de instituições economicas para diminuirem a despeza do pobre e para lhe facilitarem os objectos de primeira necessidade, tudo isto são meios engenhosos, que a providencia do governo e a philantropia dos cidadãos tem empregado para attenuar os terriveis effeitos da indigencia. Cural-os radicalmente só o poderá fazer uma mais equitativa distribuição das riquezas. Mas essa depende, como é sabido, da libertação da terra e do trabalho, que a nobreza e o capital tem enfeudado quasi exclusivamente n'aquelle paiz.

Model-Prison, (1) em Holloway Road, perto de Pentonville, é uma obra moderna, destinada a servir de padrão ás cadeias dos condados. Comprehende, n'um plano semi-circular, cinco divisões de tres andares cada uma, irradiando de um centro commum, e subdivididas em cellas, que podem conter 520 presos. Este simples e original edificio custou 85:000 libras. Rege-se pelo systema de separação e silencio. Collocado n'um ponto conveniente, o chefe do estabelecimento póde vigiar as portas de todas as cellas. A vista interior da prisão com os seus longos e altos corredores, com as suas escadas e passeios de ferro, com a sua abundante distribuição de ar e de luz, com o escrupuloso aceio que n'ella reina, nada tem de repugnante, nem mesmo de desagradavel. Não se ouve alli o menor motim. Entrei na cella de um dos presos, que lá não estava. A cella era sobre o comprido, e tinha no topo fronteiro á porta uma janella alta, d'onde se não descobria o exterior. A um lado via-se uma banca, com alguns livros (e entre elles a classica biblia e o regulamento), uma pequena cloaca inodora, uma torneira com agua, uma bacia de cobre para lavagens, e um bico de gaz. Do outro lado havia uma estante com seu talher, escova e pentes, e sobre ella jazia uma cama enrolada. Ao rez do pavimento, que é de asfalto, viam-se uns buracos destinados á ventilação. A porta da cella tinha exteriormente uma bandeirola, cujo signal, junto ao toque de campainha, indica que o preso carece de alguma cousa. Afóra o tempo de passeio, o preso vive sempre na sua cella. Alli trabalha nos objectos da sua profissão, alli come, alli dorme, alli medita sobre a biblia e sobre a sua mesquinha sorte. A comida e a roupa são içadas por um apparelho proprio, á altura das differentes galerias, e ahi transportadas em carros de ferro, que encaixam e giram nos corrimões das varandas. Subi á torre da capella, d'onde se descobrem todas as partes do edificio e um variadissimo panorama. Não devo, porém, occultar que respirei mais desafogadamente, quando os carcereiros fecharam sobre as minhas costas a ultima porta.

Devi a uma feliz casualidade o conhecer nos seus minuciosos detalhes a *Work-house* (1) de *S.t Mary-le-Bone*. Passando por alli, um domingo, lembrei-me, por aproveitar o tempo, de pedir licença para visitar o estabelecimento. Depois de algumas formalidades fui apresentado a um dos inspectores, delicado e instruido cavalheiro que, em companhia de uma senhora ricamente vestida, andava fazendo a sua visita periodica. No decurso do nosso longo trajecto observei que se informava com o maior interesse das diversas occurrencias, que ouvia com attenção os chefes das repartições, e que dirigia palavras de conforto a alguns dos asylados mais dignos de dó. É assim que n'aquelle paiz, modelo do patriotismo e da philantropia, se exercem os cargos electivos, puramente gratuitos e honorificos. Os dados que vou referir foram-me communicados pelo meu attencioso guia. A parochia de *S.t Mary-le-Bone* é a maior de Londres. A sua população orça por 170,000 habitantes. Proporcionado a este numero é, tambem, o estabelecimento, onde se recolhem, curam, educam e protegem os seus pobres. A *Work-house*, vastissimo edificio que data de 1787, póde conter mais de duas mil pessoas. A sua architectura, posto que simples, é regular e não desagradavel. Occupa uma área extensa, com os seus pateos, passeios e relvados. A direcção da casa consta de 30 membros, que se revezam por seu turno, de dois em dois mezes. Os directores tem obrigação de fazer uma visita de oito em oito dias, e de informar-se dos asylados sobre o tratamento que recebem. A direcção é eleita annualmente pelo *Vestry* ou junta parochial, composta de 120 membros, eleitos pelos habitantes da freguezia que pagam de contribuição mais de 10 libras por anno. O *Vestry* é quem recebe a taxa dos pobres, e dá os fundos não só para a *Work-house*, mas tambem para as obras publicas da parochia, que todas estão a seu cargo. Pela reforma de 1834 *the poor-law amendment act*, cujo fim era pôr um dique á monstruosa taxa dos pobres, que em algumas partes chegava a absorver a totalidade da contribuição rural, todo o reino-unido foi dividido em *unions* (2) ou grupos de parochias com sua casa commum, onde os respectivos pobres são tratados. Diminuiram-se por este modo as despezas de administração, cohibiram-se muitos abusos, e melhorou-se o material dos edificios, abandonando-se muitas das antigas *Work-houses* mal construidas, pouco ventiladas e insalubres. Deu-se mais cuidado á educação das crianças, e limitou-se a protecção ás pessoas validas, obrigando-as a virem trabalhar com o suor do seu rosto, em misteres penosos, á *Work-house*. Apesar d'isto a despeza official feita com os pobres, em 1849, ainda foi de 5 a 6 milhões de libras, quando os impostos lançados sobre a propriedade apenas produziram 9,551,000 libras, perto de 300 milhões, segundo Lamartine. O numero dos pobres tratados nas *Work-houses* ou soccorridos no seu domicilio, attingiu no mesmo anno a cifra de 1,876,541 sobre uma população de 17,304,000 habitantes.

Á hora em que entrei estava-se servindo o jantar em alguns refeitorios. As rações distribuidas em pratos de folha de Flandres eram abundantes. Constavam de 2 a 3 pedaços de carne cozida e de 4 ou 5 batatas, e de um pedaço de pão. Cada asylado tem por dia 12 onças de pão, e faz de despeza por semana, termo medio, 5 shillings. Começámos a visita pela secção das raparigas dos 7 aos 15 annos. Estavam á mesa n'uma alegre e aceada sala. Levantaram-se todas, e á proporção que passavamos por ellas, faziam-nos suas mesuras. Já se sabe, eu participava d'estes signaes de deferencia á sombra do meu auctorisado introductor. As raparigas eram em gran-

(1) Cadeia-modelo ou normal.

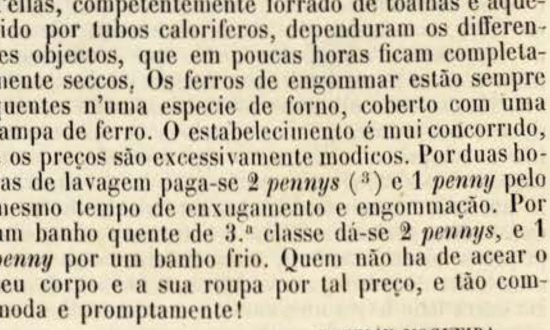
(1) Casa de trabalho.
(2) Uniões.

de parte bonitas, e todas pareciam ser perfeitamente tratadas. Os seus vestidos de côr modesta e ordinario estofo, tinham, ao menos, uniformidade e aceio. Passámos á repartição das velhas. Estavam umas deitadas, outras assentadas ao pé das camas de volta com o jantar ou com a biblia. Um fogão acceso temperava a atmosphera do dormitorio. As camas eram de ferro, e os cobertores de lã escura. Entre as velhas algumas havia de 90 annos e mais. Dirigimo-nos á secção dos rapazes de 7 a 15 annos. Andavam todos desbarretados a passear militarmente a dois de fundo, formando uma comprida e ondulante cobra sobre o largo pateo. O professor d'elles, antigo official de cavallaria, mostrou-nos as pequenas banheiras e o grande tanque em que os exercitava na natação. Os que se destinavam á vida maritima tinham, no dormitorio, os seus *hamacs* ou camas suspensas. Entrámos depois n'uma das secções mais interessantes, ao menos para mim, que me deleito particularmente com a vista das crianças. Figuravam uma ninhada immensa de pintainhos em volta da gallinha. Todas estas crianças de 2 a 7 annos estavam gordas e nedias, enfeitadas com seus *bibs* mui lavados, e contentissimas, como é natural, visto cheirar a sopa. Nunca vi tamanha e tão bella collecção de gente miuda. A governante era mulher de um gesto affavel e de maneiras senhoris. As camas das crianças tinham maior largura para que estas, no inverno, ficassem aos pares. D'aqui fomos ver a secção das amas, raparigas pobres e desgraçadas, que alli vão ser mãis. Vi umas vinte, quasi todas desfavorecidas de dotes physicos. Olharam-nos com ar de indifferença, que caracterisa o infortunio prematura e fulminantemente experimentado. Percorremos a secção dos doidos. Havia n'ella cinco maniacos com signaes bem pronunciados de alienação. Notei um quarto todo forrado de colxões, que se destinava aos furiosos. O meu benevolo guia informou-se do guarda a respeito do estado d'estes miseraveis, e dirigiu-lhes algumas palavras. Vi a capella, que é proporcionada á grandeza do edificio, e de uma severa simplicidade, como todo elle. Atravessámos a cozinha, onde ainda se estava acabando de repartir o jantar. Reinava alli a ordem e o aceio. O cheiro da comida era excellente. Chegámos finalmente á casa do guarda-mór, que reside em commodo aposento com sua senhora, elegante reverendaça de 50 annos. Deram-me ahi alguns esclarecimentos estatisticos. Dispensei-me de visitar as enfermarias, onde são recebidos e tratados todos os doentes pobres, domiciliados na parochia. Os medicos d'ellas são jovens doutores com as melhores qualificações academicas, que alli vem adquirir pratica. Além d'estes importantes soccorros a *Work-house* dá diariamente ás pessoas pobres nos seus domicilios de 1 a 3 shillings durante certo periodo, e fornece trabalho aos operarios validos na britagem de pedra e outras obras da parochia. Á saída tirei um ligeiro esboço do edificio, e apesar das minhas instancias em contrario o meu obsequioso informador quiz ter a complacencia de esperar por mim. Despedi-me d'elle em *Portland place*, e ainda hoje tenho pena de ignorar o seu nome.

O espirito philantropico dos inglezes e o seu genio eminentemente emprehendedor supprem, até onde é possivel, os monstruosos defeitos da sua organisação social. Sem as innumeras instituições, que a caridade e a associação tem levantado n'aquelle paiz para amparo das classes pobres e laboriosas, a sorte d'ellas seria cem vezes mais lamentavel do que é. As variadas miserias do pobre encontram alli quasi sempre o seu lenitivo. Além das utilissimas *Work-houses* ha hospicios particulares para certas e determinadas doenças; ha *dispensary*, boticas gratuitas em que se dão os remedios; ha consultorios tambem gratuitos: ha asylos para orfãos; ha-os para mulheres gravidas e para convalescentes. Ha, tambem, sociedades particulares consagradas a prevenir os vicios, os desmazelos e as doenças do povo. A somma que ellas dispendem annualmente só em dinheiro de donativos voluntarios, sem contar os serviços pessoaes, passa de 50 milhões de libras. Ha, egualmente, sociedades destinadas a propagar a instrucção popular, a proteger as mulheres, a educar os orfãos e a moralisar as classes viciosas. Ha, finalmente, estabelecimentos economicos, em que o pobre encontra, por um preço modico, alojamento, comida, lavadouro, banhos, livros e asylo para si e para os seus filhos durante as horas de trabalho.

Um dia descendo a longa *Tottenham court road* (1) via na esquina de *Great George street*, um letreiro que dizia; *Bath's and washing house.* (2) O desejo de conhecer o expedito processo, pelo qual se obtem roupa lavada em poucas horas e geralmente de um dia para outro, excitou-me a curiosidade de entrar, e com effeito entrei. O edificio é vasto, mas construido com a maior economia. Divide-se em duas secções separadas: a dos banhos e a da lavagem. A secção dos banhos comprehende diversos corredores com pequenos quartos, e grandes tanques para natação, cobertos por claraboias. Cada quarto mais ou menos ornado, segundo o preço, tem uma tina, uma cadeira, uma banca e um espelho. Dentro da tina ha duas torneiras de agua quente e fria. A secção da lavagem comprehende varias series de pequenos tanques, estufas, e mesas de engommar. Cada lavadouro é repartido em duas caixas, onde se faz correr agua quente ou fria. As lavadeiras trabalham em pé. Para enxugar a roupa usam mettel-a n'um cilindro crivado, que movido com grande velocidade expelle dos tecidos, em virtude da força centrifuga, quasi toda a agua. O manejo da machina é custoso, mas em 8 ou 10 minutos estão meio-enxutas 15 ou 20 peças. As estufas em que acabam de seccar a roupa são ao modo de armarios com portas de correr. No interior d'ellas, competentemente forrado de toalhas e aquecido por tubos caloriferos, dependuram os differentes objectos, que em poucas horas ficam completamente seccos. Os ferros de engommar estão sempre quentes n'uma especie de forno, coberto com uma tampa de ferro. O estabelecimento é mui concorrido, e os preços são excessivamente modicos. Por duas horas de lavagem paga-se 2 *pennys* (3) e 1 *penny* pelo mesmo tempo de enxugamento e engommação. Por um banho quente de 3.ª classe dá-se 2 *pennys*, e 1 *penny* por um banho frio. Quem não ha de acear o seu corpo e a sua roupa por tal preço, e tão commoda e promptamente!

J. FELIX NOGUEIRA



Trafalgar-square.

(1) Estrada ou azinhaga (antiga) de Tottenham.
(2) Casa de banhos e lavagem.
(3) Cada penny equivale, como já notámos, a 18 réis.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B